

Artigo / Article

Tendências e tensões no discurso acadêmico: uma análise de trabalhos comparativos de pós-graduação sobre literaturas francófonas

Trends and tensions in academic discourse: an analysis of comparative graduate works on Francophone Literatures

Antonio Andrade 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
antonioandrade.ufrj@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1126-9630>

Eduarda Hoffling Murat do Pillar 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
pillar.eduarda@letras.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0002-2461-6382>

Recebido em: 26/01/2024 | Aprovado em: 30/05/2024

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender os processos de construção discursiva de teses e dissertações de pós-graduação de universidades do estado do Rio de Janeiro que estabelecem um comparativismo entre obras de literaturas de língua francesa e alguma questão cultural, política ou social do Brasil. Por meio de uma pesquisa documental centrada na análise enunciativa do discurso, busca-se refletir sobre as estruturas de dominação na esfera do discurso acadêmico, destacando duas questões: as transgressões e manutenções dos elementos pertencentes aos gêneros acadêmicos assim como a presença, amenização ou supressão da polêmica na construção argumentativa dos textos (Negroni; Gelbes, 2005). Na segunda parte, duas teses são analisadas de maneira detalhada em busca de evidenciar diferentes formas de desenvolvimento da perspectiva comparada no contexto dos domínios globais no campo literário (Casanova, 2002), pensando se tais relações abordam criticamente o impacto da hegemonia cultural francesa sobre o Brasil ou se seguem uma tendência atenuadora ou neutralizadora, característica da crítica literária tradicional. Identificamos que os trabalhos atenuam ou ignoram tensionamentos que poderiam subverter o padrão amenizador do discurso da crítica tradicional e mantêm um comparativismo centrado no debate da influência mútua entre os países, sem evidenciar as dominações culturais no campo literário.

Palavras-chave: Literatura • Comparativismo • Pós-graduação • Discurso acadêmico • Argumentação

Abstract

This article aims to understand the discursive construction of graduate theses and dissertations from universities from the State of Rio de Janeiro that establish a comparison between French-language literature and some cultural, political or social issue in Brazil. From a documental research, centered in the enunciative discourse analysis, the study discusses structures of domination in the sphere of academic discourse and highlight two points: the transgressions and maintenance of elements pertaining to academic genres, as well as the presence, suppression or mitigation of controversy in the argumentative construction of the texts (Negroni; Gelbes, 2005). In the second part, two theses are analyzed in detail, in an attempt to highlight different types of development of the comparative perspective in the context of the world domains of the literary field (Casanova, 2002), and to discuss whether such relations focus critically on the impact of French cultural hegemony on Brazil, or follow a neutralizing or mitigating tendency, characteristic of traditional literary criticism. We identified that the works mitigate or ignore important tensions that could subvert the assuaging pattern of the traditional academic discourse and maintain a comparativist approach centered on the debate of mutual influences between countries, without evidencing the cultural dominations in course on the literary field.

Keywords: Literature • Comparativism • Graduate course • Academic discourse • Argumentation

Introdução

A construção dos conhecimentos e a sua difusão na sociedade se dão a partir de uma cadeia na qual a pesquisa acadêmica tem um importante papel. Estudar as tendências que se formam nos estudos de pós-graduação em Letras permite-nos pensar em como se delineiam as práticas discursivas nesta área, observando assim os processos de mudança e manutenção de estruturas tradicionais de conhecimento. Nessa perspectiva, os trabalhos coletados para a análise, de viés discursivo-enunciativa, são um recorte de nosso banco de dados, constituído por dissertações de mestrado e teses de doutorado que têm como objeto de estudo uma obra, um autor ou uma questão literária de língua francesa. Foram observados todos os trabalhos finais de pós-graduação *stricto sensu* relacionados à área de Letras (Literatura) de quatro das principais IES do estado do Rio de Janeiro (UFRJ, UERJ, PUC-Rio e UFF), produzidos durante o período de 2013 a 2018. Ao todo, foram selecionados 67 trabalhos, que foram investigados a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e dos sites dos programas de pós-graduação focalizados. A partir da leitura preliminar desses trabalhos, estabelecemos um novo recorte a ser analisado mais minuciosamente: pesquisas que realizavam alguma forma de comparativismo entre a literatura francesa e alguma questão cultural, política ou social

brasileira. Foram contabilizados oito trabalhos, os quais foram estudados a partir de uma análise enunciativa do discurso. Desses oito, duas teses foram colocadas em foco, na terceira parte deste artigo, para uma maior exploração analítica.

Compreendemos que teses e dissertações são gêneros de trabalhos finais de pós-graduação que demonstram o processo de formação dos pesquisadores, ou seja, de constituição de uma identidade acadêmica¹. Por conseguinte, a escolha de analisar esses textos vincula-se à perspectiva de que os estudos literários no Brasil se desenvolvem, historicamente, permeados por uma dominação cultural, teórica e metodológica francesa. Sendo assim, defende-se que o recorte de trabalhos comparativos permitirá observar, de forma mais evidente, as questões que buscamos trazer à tona: como essa relação cultural entre Brasil e França está sendo trabalhada atualmente no campo acadêmico? Para isso, decidiu-se estabelecer uma delimitação temática, em que os dois países estivessem, de forma clara, presentes no objeto de estudo, pois se espera que forneçam materiais mais ricos para a análise proposta. Também foram selecionadas duas teses para serem analisadas de maneira mais detalhada – dadas as limitações de tamanho para o desenvolvimento de um artigo –, escolhidas a partir do que poderiam fornecer como discussão produtora para o debate proposto, levando em consideração os diferentes caminhos metodológicos, formais e temáticos identificados em cada uma.

A interpretação inicial do *corpus* foi realizada por meio de reflexões acerca do discurso acadêmico, principalmente no que se refere à organização argumentativa e à evidenciação de tensões teórico-críticas na construção enunciativa, a partir das autoras Richard (1998), Lillis (2021) e García Negroni e Gelbes (2005). Em seguida, parte-se para a tessitura textual das duas teses: *Sob o sol de Hilda Hilst e Georges Batailles* (2017), da PUC-Rio, e *Bulletin des oeuvres et missions bénédictines au Brésil (1909-1914); cenas genéricas e padrões retóricas literários* (2017), da UFRJ. A partir do desdobramento desses dois trabalhos, observou-se se os estudos comparativos entre obras, autores e/ou aspectos culturais brasileiros e francófonos ocorrem a partir da abordagem das tensões que se formam na relação entre ambos os campos literários ou se tais análises mantêm uma tendência discursiva tradicional, que trata de naturalizar metodologias historicamente arraigadas. Busca-se compreender como a pesquisa de obras francófonas nos últimos anos contribui para pensar a literatura numa perspectiva político-histórica, na qual relações de poder e domínio vêm à tona (Casanova, 2002), a partir do emaranhamento teórico no âmbito da esfera literária global.

Por meio da análise desenvolvida, observamos a permanência dos sentidos de influência na escrita acadêmica sobre literatura, particularmente em trabalhos comparativos com a

¹ Segundo Maria Aldina Marques, no artigo *Discurso Acadêmico e Discurso Científico: Aproximações, diferenças e ensino* (2023), as teses e dissertações são gêneros híbridos por excelência, pois incorporam elementos do discurso acadêmico e científico. Assim, “o locutor se caracteriza por uma conjunção de papéis sociocomunicativos, sendo simultaneamente aluno e iniciante à investigação” (p. 231). Não fazemos uma diferenciação entre esses dois discursos, que, como Marques apresenta, são vistos como sinônimos, ainda que possuam especificidades. Cabe, no entanto, destacar que trabalhos de pós-graduação são possivelmente os materiais que melhor representem a identidade discursiva no contexto universitário.

Literatura Francesa, que durante muito tempo foi paradigma de universalidade e alta cultura. Este trabalho argumenta que, apesar do consolidado movimento, na área da Literatura Comparada, de evitar um estudo de fontes influenciadoras de obras e autores, característica de uma visão positivista de estudos literários, percebe-se ainda dificuldades de superação de certos padrões discursivos consolidados nesta esfera. Identifica-se ainda em larga escala, por exemplo, a manutenção de uma universalidade teórico-crítica, constituída pela ausência de sujeitos enunciadore e pelo predomínio de estudos literários autotélicos, em que se promove um discurso neutralizante e não se leva em consideração embates, tanto no campo artístico quanto acadêmico. Evidência deste último caso se mostra no enfraquecimento argumentativo e esvaziamento de polêmicas nas teses e dissertações, algo que contribui para o apagamento de tensões e enfrentamentos teóricos importantes para a superação de uma metodologia acadêmica tradicionalista.

1 O discurso acadêmico

As pesquisas relacionadas ao letramento acadêmico no Reino Unido, segundo Lillis (2021), estão em consonância com mudanças histórico-sociais no âmbito do acesso ao ensino superior neste contexto. A entrada tanto de estudantes internacionais quanto de locais, que representam outros grupos socioeconômicos da sociedade inglesa e não ocupavam os espaços do ensino superior, proporcionou um olhar mais atento ao discurso acadêmico até então consolidado e restrito a uma parcela pequena e elitizada da população. No Brasil, pode-se dizer que as políticas afirmativas, que possibilitaram maior — ainda que restrita — diversidade de estudantes nas universidades, contribuíram positivamente para a reflexão sobre esse campo discursivo. A partir desse novo enfoque, é possível levantar tendências discursivas de caráter retórico, formal e temático, que antes estavam dentro do campo do universalismo, muitas vezes apresentadas como puramente informativas, diretas e imparciais.

Lillis argumenta que a escrita é, de modo geral, demonstração de certa identidade e, nesse sentido, a tradição acadêmica está vinculada aos elementos de escrita de uma cultura dominante, que predomina nos espaços de ensino superior. A busca por novas formas de linguagem nos artigos e ensaios científicos está, por isso, relacionada a uma tentativa de manifestação de identidades que foram historicamente marginalizadas e não pertencem a esses espaços. Assim, uma possível transformação nas estruturas de dominação da academia ocorre não somente pelas diferentes abordagens temáticas, mas também por meio da investigação da escrita acadêmica:

Uma posição transformadora implica nos perguntarmos a respeito do valor intelectual das convenções e orientações em relação à linguagem e ao letramento que predominam na escrita acadêmica, bem como a respeito das formas como estas estruturam as oportunidades de participação na academia, e não só de acesso a ela (Lillis, 2021, p. 60).²

² Tradução nossa do original em língua espanhola: “Una posición transformadora implica preguntarnos por el

O que o pesquisador procura dizer e a forma estabelecida fazem parte de um conjunto semântico, ainda que essa forma, vinculada a um *ethos* discursivo³, possa ressoar de maneira contraditória em relação ao conteúdo temático. A escrita é, assim, algo que constrói um sentido mais ou menos consciente com aquilo que se apresenta como conteúdo.

É nesse sentido que se desenvolve a crítica de Richard aos estudos culturais. Apesar do surgimento de múltiplas temáticas que até então não eram abordadas nem estudadas nos campos acadêmicos, tal movimento de ruptura com as normatividades teóricas e textuais acontecem de forma ainda menos desenvolvida:

[...] a maior pluralidade de objetos de estudo que os estudos culturais buscam conquistar nem sempre implica uma reflexão sobre como pluralizar os modos de configuração discursiva do saber, a fim de não reter as palavras do novo em seus velhos moldes de exposição (Richard, 1998, p. 121).⁴

Dentre os trabalhos de pós-graduação analisados, é evidente a predominância de estruturas discursivas tradicionais do âmbito acadêmico. Mesmo aqueles que embarcaram em temáticas e autores que estão dentro do campo de estudos denominado por Richard de “transcultural” seguem a estrutura normativa dos textos universitários. As teses e dissertações coletadas da PUC-Rio⁵ apresentam, como exceções – no *corpus* reunido para esta pesquisa –, um caráter evidentemente mais ensaístico no tratamento dos temas escolhidos, como se pode observar nos títulos *A potência e o fracasso na escrita literária* (PUC-Rio, 2016) e *Sob o sol de Hilda Hilst e Georges Bataille* (PUC-Rio, 2017), que delimitam subjetivamente os assuntos tratados nas pesquisas. Na introdução do primeiro trabalho, é possível identificar elementos, como a presença de frases curtas e afirmativas, perguntas retóricas e figurativismo de linguagem, que corroboram com a subjetividade característica de textos ensaísticos. Também se observa o uso da primeira pessoa do plural, que incorpora o leitor na escrita, assim como da primeira pessoa do singular, a partir de noções pessoais sobre o objeto, como “medo”, “angústia” e “desejo”:

valor intelectual de las convenciones y orientaciones hacia el lenguaje y la literacidad que predominan en la escritura académica, así como por las formas en que estas estructuran las oportunidades de participación en la academia, y no solo de acceso a ella”.

³ A partir do que Maingueneau (2006, p. 270) desenvolve sobre o *ethos* discursivo de uma obra literária, compreendemos que aquilo que está presente na corporeidade do texto acadêmico pode ser tanto o *ethos dito*, ou seja, aquele evocado na própria enunciação, quanto o *ethos mostrado*, que se apresenta de forma menos direta por meio do texto. Pode-se pensar ainda nas possíveis incompatibilidades entre esses dois elementos discursivos, ou seja, entre a proposição enunciativa e o ato de enunciação. Por isso, a questão discursiva que envolve o *ethos* não pode estar exclusivamente centrada naquilo que está dito, mas também no que se mostra ao ser dito ou naquilo que é transmitido antes da enunciação. Partindo-se de uma análise de teses e dissertações de obras literárias, tal distinção pode ser feita por meio da observação das diferentes relações teóricas contidas nos textos, tendo em vista as normas que regem o discurso acadêmico. Sobre *ethos* discursivo e argumentação também é relevante mencionar as obras *A Argumentação do Discurso* (2000), de Ruth Amossy, e *Dicionário de Análise do Discurso* (2002), de Patrick Charaudeau e Maingueneau.

⁴ Tradução nossa do original em língua espanhola: “[...] la mayor pluralidad de objetos a estudiar que los estudios culturales buscan conquistar no siempre implica una reflexión sobre cómo pluralizar los modos de configuración discursiva del saber para no retener las palabras de lo nuevo en sus viejos moldes de exposición”.

⁵ A habilitação de formação de escritores, que não existe nas outras universidades do estado do Rio de Janeiro, pode talvez impactar na construção de textos mais ensaísticos nesta IES.

Há uma atração forte pelo sol. Imantados, nossos olhos giram em direção a ele. Surpreende que, tão iluminado e tão vital, o sol também nos queime e nos destrua. Que a claridade do meio-dia equivalha à noite absoluta, o impedimento do olhar. Excessivo astro, transbordante esplendor: dele tenho medo, dele me aproximo, desejo e angústia. A maldição de Ícaro: tomado pelo desejo de voar perto do sol, derreteu-se, desfigurou-se, desapareceu. Qual será o limite do ilimitado, seu interdito mais feroz, a medida do nosso enfrentamento? (PUC-Rio, 2017, p. 11).⁶

Richard observa esse movimento formal acadêmico com reticências, pois a apreciação estética dos trabalhos pode contribuir para a relativização do rigor teórico e dos estudos humanísticos. Em suma, não basta mudar as formas de apresentação dos novos estudos e teorias, mas também pensar em mecanismos textuais que contribuam para a criação do novo:

A substituição da espessura do verbal pela planeza do visual marcaria o triunfo irreflexivo de superfícies sem fendas nem rasgos simbólicos, feitas apenas para consagrar “a desilusão da metáfora”, ao eliminar todas as marcas de profundidade (o enigma da dobra, as dobraduras da multivocidade) que associavam o literário a sutis protocolos de decifração estética (Richard, 1998, p. 121).⁷

A aproximação do discurso acadêmico à linguagem artística é desenvolvida, na introdução da tese, abdicando de estruturas relevantes para a inserção do texto dentro de um estudo acadêmico, como a delimitação do objeto, metodologias e retórica argumentativa.

Dentro dessa mesma problemática, a relativa variedade de objetos de pesquisa, que podem sinalizar uma alternativa nova aos tradicionais *corpora* de investigação, é pouco refletida nos teóricos utilizados e nas estruturas linguísticas para a construção dos trabalhos⁸. Na maioria das teses e dissertações, ainda que o objeto de estudo estivesse dentro do campo da literatura pós-colonial, os nomes dos teóricos que contribuem para o argumento desenvolvido são predominantemente de origem francesa e consagrados pela academia. Provavelmente o uso desses autores torna-se necessário, visto que as instituições buscam teóricos amplamente conhecidos e reverenciados para haver aceitação e pertencimento nesse campo discursivo. Estruturas de construção do pensamento dentro da universidade criam certos impedimentos para uma maior desconstrução da hegemonia europeia consolidada na própria formação desses espaços⁹.

⁶ Optamos por citar, no corpo do artigo, as teses e dissertações que fazem parte do *corpus* da pesquisa por meio da sigla da IES responsável pela produção.

⁷ Tradução nossa do original em língua espanhola: “La sustitución del espesor de lo verbal por la planitud de lo visual marcaría el triunfo irreflexivo de superficies sin hendiduras ni rasgaduras simbólicas, sólo hechas para consagrar ‘la desilusión de la metáfora’, al eliminar todas las marcas de profundidad (el enigma del pliegue, los dobleces de la multivocidad) que asociaban lo literario a sutiles protocolos de desciframiento estético”.

⁸ Além da França e do Canadá, mais sete outras nacionalidades francófonas estão presentes no *corpus* desta pesquisa: um marfinense, dois suíços, dois haitianos, dois marroquinos, dois guadalupenses, um belga e um antilhano. Apesar da aparente variedade, isso representa somente cerca de 20% dos países que têm a língua francesa como oficial.

⁹ Richard (1998), a respeito disso, menciona o difícil equilíbrio entre a necessidade de se inserir em um discurso acadêmico e a busca por subvertê-lo, dentro de uma lógica apresentada por Derrida (2019) de “participação sem pertencimento”.

2 Argumentação e esvaziamento da polêmica

A noção de polêmica no contexto dos trabalhos acadêmicos, desenvolvida por García Negroni e Gelbes (2005), está ligada à discordância, crítica explícita a proposições e teorias de outros autores para a construção argumentativa dos trabalhos científicos. Os tensionamentos próprios no enfrentamento de certas linhas teóricas hegemônicas e a proposição de novas formas de encaminhamento configuram uma instabilidade de eixos consolidados dentro da academia, fomentando assim polêmicas. García Negroni e Gelbes observam que, no contexto das produções acadêmicas argentinas, tais embates se dão de forma amenizada ou tangenciada, algo que faz parte do campo discursivo acadêmico do país:

[...] defenderemos aqui que a polêmica não está completamente ausente no discurso acadêmico que circula em nosso meio. Entretanto, demonstraremos que essa crítica tende a se apresentar de maneira atenuada, ou, pelo menos, com pouca coocorrência de marcas que sinalizam a atitude opositora (García Negroni; Gelbes, 2005, p. 114).¹⁰

São posturas que, segundo as autoras, estão de acordo com o decoro e a moderação esperados de uma argumentação acadêmica e, por isso, constituem um enfraquecimento do teor argumentativo para evitar “quebrar o requisito de moderação que impõe a tradição discursiva” (García Negroni; Gelbes, 2005, p. 115).¹¹ O *ethos* discursivo dos textos acadêmicos são, nesse sentido, preservados apesar de (e, na perspectiva de García Negroni e Gelbes, também por) apresentar enfrentamentos menos acentuados. Sendo assim, uma pesquisa mais polêmica entraria em choque com a tradição acadêmica do país. Percebe-se que não há, portanto, uma problematização por parte das autoras em relação ao cenário discursivo analisado em seu artigo:

Portanto, quando o autor do discurso acadêmico polemiza com um trabalho prévio, é necessário que se mostre como não impositivo, que ofereça uma imagem discursiva de si de mesura, a fim de resultar convincente. Neste sentido, sustentamos a hipótese de que, apesar da dupla exigência requerida por este tipo de discursividade (pensamento crítico e originalidade), em uma gradação de recursos que colaboram na construção da força polêmica e do debate opositivo, o extremo mais alto –a polêmica ostensiva e impositiva– não tem correlato efetivo no discurso acadêmico, porque isto implicaria, entre outras coisas, quebrar o requisito de moderação imposto pela tradição discursiva (García Negroni; Gelbes, 2005, p.115).¹²

¹⁰ Tradução nossa do original em língua espanhola: “[...] sostendremos aquí que la polémica no resulta completamente ausente en el discurso académico que circula en nuestro medio. Pero demostraremos que esa crítica tiende a presentarse de manera atenuada o, cuanto menos, con poca coocurrencia de marcas que señalan la actitud opositora”.

¹¹ Tradução nossa do original em língua espanhola: “quebrar el requisito de moderación que impone la tradición discursiva”.

¹² Tradução nossa do original em língua espanhola: “Por lo tanto, cuando el autor del discurso académico polemiza con un trabajo previo, es necesario que se muestre como no impositivo, que brinde de sí una imagen discursiva mesurada para resultar convincente. En este sentido, nuestra hipótesis sostiene que, a pesar de la doble exigencia requerida por este tipo de discursividad (pensamiento crítico y originalidad), en una gradación de recursos que colaboran en la construcción de la fuerza polémica y del debate opositivo, el extremo más alto

Apesar de esta pesquisa se aproximar das observações de García Negroni e Gelbes no que diz respeito às tendências discursivas apresentadas nos trabalhos acadêmicos, nosso argumento em relação ao cenário que se apresenta vai de encontro com o das pesquisadoras. Muitas vezes ocorre um deslizamento sutil nesse processo e marcas de suavização de embates teóricos acabam tomando o lugar de uma argumentação bem delimitada, construída a partir da formação de novas perspectivas de pensamento no campo de conhecimento proposto (da teoria literária, dos estudos comparativos, da crítica cultural etc.). Assim como argumenta Richard (1998), as formas dos textos acadêmicos estão ligadas a identidades dominantes; e as escolhas retóricas e linguísticas implicadas nesse decoro discursivo estão diretamente relacionadas à atenuação de tensões por meio de um discurso universalizante. Quando se evita o enfrentamento de teorias consolidadas e se propõe a compilação de pensamentos para evidenciar determinado aspecto ou dissertar sobre um objeto, a distinção de uma autoria, ou seja, da presença do sujeito por meio da criação de novas ideias e posicionamentos, torna-se muito pequena.

O enfrentamento do recato acadêmico é uma forma de subversão de certos domínios discursivos que dificultam a superação de teorias consolidadas e, por isso, impedem a construção de novas formas de pensamento. Apesar de a suavização de polêmicas ser também uma parte constitutiva do discurso acadêmico brasileiro, ele pode ser subvertido sem que o texto deixe de fazer parte desse campo, haja vista a presença de outros elementos de identificação que estarão presentes. A produção ensaística, que, dentro do discurso acadêmico, baseia-se na subversão das formas de relação com as teorias, tem contribuído, em última instância, a nosso ver, para a manutenção de uma retórica domesticada. Nessa perspectiva, torna-se importante retomar Richard para pensar como os relativismos teóricos e argumentativos podem estagnar os estudos literários e culturais em uma forma de solipsismo acadêmico:

Contudo, tampouco basta a ideia de um saber que se contorce nos arabescos da dúvida e do eterno perguntar(-se), sem correr o risco de uma afirmação ou de uma negação que, por mais provisórias que sejam, se atrevam a decidir, a exercer a responsabilidade prática de um ato de sentido. Perder-se no infinito deslizamento das significações, frustrando todo possível encontro do significante com o significado, conspira obviamente contra a possibilidade de que o saber possa exercer uma ação transformadora sobre as estruturas materiais da instituição (Richard, 1998, p.7).¹³

No que diz respeito à análise realizada por García Negroni e Gelbes (2005), a polêmica pode ser evidenciada por meio de marcas textuais, como palavras que indicam contra-argumentação ou negação, mas também a partir da presença mais ou menos explícita de um

–la polémica ostensible e impositiva– no tiene correlato efectivo en el discurso académico porque ello implicaría, entre otras cosas, quebrar el requisito de moderación que impone la tradición discursiva”.

¹³ Tradução nossa do original em língua espanhola: “Pero, tampoco basta la idea de un saber que se contorsiona en los arabescos de la duda y del eterno preguntar(se), sin correr el riesgo de una afirmación o de una negación que, por provisionarias que sean, se atrevan a decidir, a ejercer la responsabilidad práctica de un acto de sentido. Perderse en el infinito deslizarse de las significaciones frustrando todo posible encuentro del significante con el significado, conspira obviamente contra la posibilidad de que el saber pueda ejercer una acción transformadora sobre las estructuras materiales de la institución”.

“alvo”, que evidenciaria sujeitos discursivos. No entanto, a ausência de marcas argumentativas, ou seja, a falta de defesa de determinada ideia, de antemão, impede a possibilidade de ocorrência desses enfrentamentos. Tais características retóricas amenizadoras podem ser igualmente identificadas nos trabalhos coletados para este *corpus*.

De modo geral, a tese argumentativa, nas introduções dos textos, é apresentada de forma muito sub-reptícia, a partir da investigação de determinado elemento que se apresenta - como, por exemplo, o tédio, a obscenidade, a retórica, a circulação, o gênero etc. - em dois ou mais objetos. Não há, na argumentação principal da maioria dos trabalhos, algum nível de polêmica que se forme por meio da contraposição a alguma ideia, teoria ou pensamento. A partir do respectivo recorte, as pesquisas abarcam teorias que estão em consonância com suas abordagens, por meio de um texto predominantemente dissertativo-argumentativo, cujos argumentos muitas das vezes apresentam consenso já bem estabelecido dentro do campo literário e as marcas de argumentação aparecem sem enfrentamentos diretos com proposições contrárias ou alternativas. Leva-se em consideração o contexto em que se aplica esse tipo de discurso: defesas de mestrado e doutorado estão sujeitas a avaliações de especialistas da área, que precisarão aprovar o trabalho para que o doutorando ou mestrando possa receber seu título. Além disso, o orientador pode direcionar essa forma de mitigação da polêmica por meio de mudanças textuais ou pelo encaminhamento dado ao processo investigativo. Tais elementos próprios do discurso acadêmico, mais especificamente dos trabalhos finais de pós-graduação, indicam que esse movimento não é individual, ou seja, dos autores exclusivamente, mas também dos pesquisadores constituintes desse campo discursivo e que, de alguma forma, contribuem para a constituição e manutenção das delimitações do gênero.

Percebe-se o tom predominantemente dissertativo, por exemplo, na tese *Viagens modernistas: Europa e Brasil sob a ótica de Antônio de Alcântara Machado, Blaise Cendrars e Oswald de Andrade* (PUC-Rio, 2018), que desenvolve a relação dos gêneros crônicas de viagem e poesia na consolidação do projeto modernista dos autores, as influências europeias na constituição das vanguardas e o panorama literário que se forma a partir dessas leituras. Tanto na apresentação da tese quanto em seus objetivos gerais e conclusões, tais proposições são evidentes:

Tendo em vista, portanto, **tal influência dos movimentos de vanguarda presentes em nosso corpus literário**, busco, como já foi dito, [...] analisar as novas relações que estes estabelecem com a crônica e a literatura de viagem, colocando-as num patamar distinto daquele do século XIX [...] (PUC-Rio, 2018, p. 22, negritos nossos).

O objetivo geral desta pesquisa é estudar a literatura de viagem escrita **sob a influência das vanguardas modernistas brasileira e europeia**, a partir do estudo comparado das obras *Pathé-Baby* (1925), de Antônio de Alcântara Machado, *Pau-Brasil* (1925), de Oswald de Andrade, e *Feuilles de route* (1924), de Blaise Cendrars [...] (PUC-Rio, 2018, p. 23, negritos nossos)

Quanto a *Pau Brasil* e *Feuilles de route*, ao fazermos com que dialoguem a partir da leitura conjunta de seus poemas, percebemos tanto a **troca de influências** entre seus autores – a qual constitui um “**traçado recíproco**” que configura “o caso concreto do binômio importação/exportação no roteiro poético oswaldiano” [...] (PUC-Rio, 2018, p. 87, negritos nossos)

Já a dissertação da UERJ, *Atmosfera morna: um estudo comparativo sobre o tédio e a angústia na literatura* (2017), apresenta a motivação da escolha do objeto de estudo, mencionando diferenças, ainda que sem nominá-las: “apesar das diferenças que separam esses intelectuais, quis colocá-los juntos a fim de tentar compreender um pouco do que nos torna humanos” (UERJ, 2017, p. 9). Essa aproximação, então, é feita a partir de uma perspectiva universalista humanista, visto que os dois objetos são estudados à parte seus respectivos contextos discursivos. Em adição, percebe-se aí uma argumentação com teor subjetivo, que, por falta de esclarecimentos relevantes para o desenvolvimento de uma metodologia acadêmica, são apresentados de forma excessivamente abrangente e imprecisa¹⁴.

No mesmo trabalho, também é mencionada uma possível brecha de pesquisa no campo acadêmico brasileiro que, na visão do autor da dissertação, deveria ser explorada: “Notei com tristeza que o assunto é amplamente debatido na Europa e nas universidades norte-americanas, porém, não ocupa o mesmo espaço nas universidades brasileiras” (UERJ, 2017, p. 10). No entanto, a menção à Literatura Brasileira é feita somente uma vez no corpo do texto da dissertação e a palavra “brasileira” e outras do mesmo campo semântico (Brasil, brasileiro(s), brasileiras, nacional) são mencionadas, no total, somente três vezes. Isso revela, por exemplo, a linha eurocêntrica que se estrutura no capítulo *O tédio nos séculos XVIII, XIX, e início do século XX*, de retomada histórica do tema central. Nessa parte há, além da temporalidade, uma territorialidade pouco demarcada, ou seja, ignora-se a possibilidade de uma história nacional sobre o tema, no contexto de formação da obra de Augusto dos Anjos, autor aí enfocado.

A presença da noção de influência na tese da PUC-Rio e o apagamento da literatura brasileira na dissertação da UERJ evidenciam a opção por uma perspectiva metodológica neutralizadora ao comparar as obras dos autores, algo que está ligado sobretudo à ausência de embates teóricos característicos da polêmica. *Soeur Philomène dos irmãos Goncourt: circulação e recepção* (UFRJ, 2015a), inclusive, menciona o teor analítico de sua tese, referenciando-se como “Pesquisa de caráter exploratório, com orientação analítico-descritiva” (UFRJ, 2015a, p. 6). Argumentações polêmicas também não são encontradas de forma explícita no restante dos trabalhos comparatistas, com exceção de dois: *Bulletin des oeuvres et missions bénédictines au Brésil (1909- 1914); cenas genéricas e padrões retóricos literários* (UFRJ, 2017) e *De Rerum Natura: a experiência do real na poesia contemporânea brasileira e*

¹⁴ Tal reflexão também é feita por Maria Aldina Marques (2023), no que diz respeito a qual tipo de subjetividade é produtiva para o desenvolvimento do discurso científico e qual se mostra como interdiscursividades que enfraquecem a proposição e o desenvolvimento de novas teorias: “A subjetividade está presente no discurso científico, mas não é qualquer subjetividade, nem se constrói discursivamente de qualquer maneira” (p. 234).

francesa (UFRJ, 2013). O primeiro constrói um texto mais argumentativo e menos expositivo¹⁵, ainda que mantenha certo movimento de atenuação da polêmica. Essas características são identificadas não só pela evidência de recursos argumentativos, como o parágrafo iniciado por “A tese defende que...” (UFRJ, 2017, p. 8), mas também pelo fato de a pesquisa apresentar um grau polêmico ao aproximar o discurso religioso à análise dos modos de organização textual e ao campo literário, algo que vai de encontro às delimitações comuns dos gêneros discursivos:

A **Tese defende** a ideia de que as cenas genéricas narrativas dos mitos indígenas trazem o interdiscurso literário do conto folclórico e das lendas populares valorizadas a partir do romantismo, enquanto que as cenas genéricas descritivas projetam quadros de paisagens pitorescas e exóticas; e que as cenas genéricas do *Bulletin des oeuvres et missions bénédictines au Brésil* são construídas com um **padrão literário**, para servir de fiador a um **ethos missionário** e, portanto, **são inseridas em um modo de organização argumentativo, vinculado ao discurso religioso** (UFRJ, 2017, p. 8, negritos nossos).

Ainda que não seja realizado um enfrentamento teórico direto a teorias e autores específicos, a tese subverte certas delimitações dadas pela crítica literária, algo que pode ser interpretado como um tensionamento de ideias. Também observamos no segundo trabalho (UFRJ, 2013) um movimento similar em sua temática, visto que é iniciada da seguinte forma: “Antes de **problematizarmos** a questão do real em relação à poesia contemporânea brasileira e francesa, que será tema desta tese, pretendemos situar melhor o conceito de real na psicanálise e também na poética contemporânea” (UFRJ, 2013, p. 9, negrito nosso). O termo “problematizar” compreende o questionamento de noções dadas a respeito de algum assunto.

É possível que embates teóricos ocorram de forma menos evidente no desenvolvimento dos argumentos, a partir da contraposição de parte ou da totalidade de alguma teoria. Por meio do uso de conectivos que indicam contraposição¹⁶, podemos identificar certos momentos de enfrentamento teórico mais ou menos explícitos. Na mesma tese da UFRJ (2013), observou-se um confronto explícito em relação a um aporte teórico de Agamben, ancorando-se em outros teóricos para consolidar sua argumentação contrária e trazendo à tona seu posicionamento no discurso a partir da primeira pessoa do plural:

O “julgamento desesperante” de Agamben sobre a história da poesia moderna após Baudelaire – chamado por ele de poeta de uma “crise da experiência” – **parece-nos insustentável**. [...] **Didi-Huberman, por outro lado**, constata que essa proposta é realmente insustentável, pois, basta estarmos diante “do menor texto de Rilke, de Michaux, de René Char, de Bertold Brecht, de Paul Celan”, ou mesmo do próprio Pasolini para conferirmos que houve experiência literária. **É o que**

¹⁵ É importante ressaltar que, em muitos dos trabalhos analisados, existe frequentemente uma redução da tipologia argumentativa em prol da ampliação do tipo textual expositivo, tipo este que justamente tem como característica a ocultação das diferentes vozes que constituem dialogicamente o discurso, trazendo para o texto um efeito de sentido de objetividade e neutralidade, o que suprime o espaço discursivo da divergência e do embate epistemológico (cf. Deusdará; Rocha, 2011, p. 124).

¹⁶ Referimo-nos aqui a conjunções e locuções conjuntivas adversativas e concessivas, tais como: embora, em contraponto, todavia, de outro lado, porém, no entanto, apesar de, contudo, em contrapartida, apesar disso, não obstante.

nosso texto de tese, trabalhando com os poetas Prigent, Gleize, Uchoa Leite e Bonvicino, também confirma: a total inconsistência do postulado de Agamben, ou seja, uma **divergência com seus argumentos** (UFRJ, 2013, p. 176, negritos nossos).

Já na dissertação da UERJ (2017), por exemplo, os conectivos “Embora” e “No entanto” são empregados para contrapor um dado da bibliografia principal do trabalho: “Embora a base deste trabalho seja o livro *Filosofia do tédio* (2006), percebemos que seu autor se prende a analisar o tédio como fenômeno relacionado diretamente com a modernidade [...] No entanto, o sentimento foi descrito já na Antiguidade Clássica, como se pode observar em *Sobre a tranquilidade da alma de Sêneca* (2012)” (UERJ, 2017, p. 14). No trabalho somente essa forma de negação é realizada a partir dos operadores contra-argumentativos analisados.

Também é comum a presença de um caráter mais argumentativo na introdução de uma pesquisa, parte em que se espera a defesa da relevância do respectivo trabalho:

Embora os estudos sobre literatura de viagem sejam abundantes [...], os estudos são um pouco menos abundantes e voltam-se, sobretudo, a obras memorialísticas do século XIX, quando o objetivo das viagens era, principalmente, o acesso a universidades ou a ocupação de cargos diplomáticos (PUC-Rio, 2018, p. 23).

Na mesma dissertação, é feita uma contraposição à forma de análise textual centralizada na biografia do autor, método muito presente na crítica literária anterior ao estruturalismo, principalmente no século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, vinculado à hegemonia do romantismo:

Convém expor que uma leitura de Eu centrada apenas na biografia de seu criador configuraria uma abordagem pouco abrangente. Por isso, o estudo aqui desenvolvido busca promover uma nova forma de olhar para a escrita de Augusto dos Anjos ao estabelecer um diálogo entre seus poemas e o tédio existencial (PUC-Rio, 2018, p. 43).

Ainda que se faça uma breve negação de uma forma de análise literária, não é feita qualquer delimitação temporal, teórica ou autoral. Os sujeitos do discurso criticado são apagados, suavizando assim a polêmica, mesmo que essa, dentro do contexto atual da crítica literária, não se apresente propriamente como uma controvérsia, já que as análises centradas na biografia do autor são há décadas fruto de críticas e superadas por novas formas de correlações teóricas.

É importante ressaltar que, embora os gêneros acadêmicos tese e dissertação sejam vinculados predominantemente ao tipo textual dissertativo, percebe-se, nos trabalhos do *corpus* coletado, que essa abordagem teórico-metodológica de suavização da polêmica se tornou majoritária, parte constituinte quase imprescindível ao campo discursivo. Dos oito trabalhos comparativos, somente dois apresentam em sua temática um movimento de defesa central de determinada ideia ou combate a alguma proposição dominante. Como argumentam García Negroni e Gelbes (2005), tais tendências estão de acordo com as expectativas ligadas a essa

esfera discursiva, mas discordamos da posição ao demonstrarmos que isso retrai a fomentação de discussões acadêmicas. O caráter predominantemente ensaístico, ligado ao desdobramento de discussões e pautado na supressão ou atenuação da polêmica, escasseia embates imprescindíveis para a superação de hegemonias de pensamento. Na perspectiva de teses/dissertações comparativas, como é o caso do *corpus* deste trabalho, tal movimento contribui para a permanência de procedimentos teórico-metodológicos como o da perscrutação de influências, uma noção hierárquica e naturalizante em relação aos impactos culturais e artísticos da França sobre o Brasil.

3 Tensões e apagamentos em duas teses comparativas

Dentre os 67 trabalhos do nosso *corpus*, chama atenção a total ausência de escritores da periferia cultural francófona¹⁷ nos estudos comparativistas que realizam alguma forma de aproximação com a cultura ou literatura brasileira. Dos oito trabalhos que se enquadram dentro desse recorte, sete são sobre obras de autores franceses, com exceção da que trata de relatos beneditinos belgas. Apesar disso, a própria aproximação com alguma questão nacional já enquadra uma exceção, se observarmos que somente cerca de 12% dos trabalhos de pós-graduação do *corpus* desta pesquisa realizam tal movimento. Ressalte-se, ainda, que as pesquisas que integram a porcentagem se categorizam dentro da subárea Literatura Comparada, ainda que nem todas se referenciem à subárea na metodologia¹⁸.

Nesse sentido, a tese *Sob o sol de Hilda Hilst e Georges Bataille* (PUC-Rio, 2017) opta por colocar em paralelo dois autores e suas respectivas obras a partir da temática da obscenidade. A introdução apresenta uma justificativa que busca abarcar a relevância da pesquisa no âmbito dos estudos comparatistas preexistentes:

[...] em ensaios e artigos acadêmicos, dissertações e teses sobre a escritora Hilda Hilst é quase certa a presença de Georges Bataille como referência bibliográfica. O tema da transgressão, do erotismo, do sagrado e da morte é central na filosofia de Bataille, fazendo dele uma bibliografia quase incontornável para se pensar a obra hilstiana, também essencialmente debruçada sobre essas questões. Tal fato pode gerar por vezes um desconforto ao pesquisador de doutorado com um projeto sobre os dois autores, preocupado em contemplar a tal da originalidade pretendida por um trabalho defendido neste âmbito. Mas este trabalho não é sobre a obra de Hilda Hilst que tem em Georges Bataille uma forte referência bibliográfica. A ideia foi colocar as duas obras em fricção, contato, realizando um percurso por vezes errático, baseado em afinidades e cruzamentos, e fazendo deste encontro escorrer algum resíduo (PUC-Rio, 2017, p. 20, negritos nossos).

¹⁷ Casanova utiliza o termo “periferia literária” para indicar obras que não fazem parte do “centro” cultural europeu. Neste trabalho, “periferia cultural francófona” apresenta essa mesma noção: referirmo-nos a países de língua francesa que não fazem parte dessa mesma centralidade mundial, ou seja, literaturas fora do ciclo da Europa ocidental.

¹⁸ Partindo da definição ampla de Henry H. H. Remak, pode-se pensar o campo dos estudos comparatistas como uma “comparação da literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana” (Remak, 1994, p. 176).

Há, assim, uma diferenciação entre dois tipos de comparativismos abarcados pela Literatura Comparada: aquele que busca destacar influências de determinado autor em uma ou mais obras e o que levanta eixos temáticos comuns na literatura dos respectivos artistas. O primeiro é menos frequente nos trabalhos acadêmicos contemporâneos, visto o movimento de afastamento dos estudos literários em relação a uma visão eurocêntrica, na qual as obras brasileiras seriam examinadas a partir de características *a priori* presentes nos movimentos europeus.

No caso do mesmo trabalho da PUC-Rio, apesar de procurar afastar-se de uma forma de comparativismo dentro de um movimento de catalogação de fontes, a tese realiza um levantamento de relações bibliográficas, algo que ocorre somente quando se trata das obras de Hilda Hilst. Isso pode ser interpretado como uma necessidade de situar a autora em um espaço de relevância dentro do campo literário, semelhante ao que o autor francês já ocupa na Literatura e na Filosofia:

Nos dois últimos livros da trilogia erótica são fartas as citações à “alta cultura”. Em *Contos de Escárnio*, *Textos Grotescos*: Vladimir Horowitz, Lucrécio, Ezra Pound, Shakespeare, Grieg, Tchaikovsky, Bach, Spinoza, Kierkegaard, Keats, Yeats, Dante, D.H. Lawrence, Catulo, Freud, Polanski, Fernando Pessoa, Dostoievsky, Bertrand Russel, Byron, Shelley, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, entre outros. Em *Cartas de um sedutor*: Emil Michel Cioran, Liev Tolstói, Soren Kierkegaard, Michel Foucault, Paul Verlaine, Arthur Rimbaud, Jean Genet, George Bataille, Roberto Piva, João Silvério Trevisan, Otto Rank, Daniel Schreber, Arthur Koestler, Nietzsche, D. H. Lawrence, Yukio Mishima, Marcel Proust, James Joyce, Richard Francis Burton, Albert Camus, Freud, Jung, Ovídio, entre outros. [...] Nos seus cadernos e anotações, também a **referência a Georges Bataille** aparece, indicando sua presença entre os seus principais interlocutores (PUC-Rio, 2017, p. 18-19, negrito nossos).

A identificação de referências nos estudos comparativos, ainda que importante para a compreensão do processo criativo e das redes intelectuais tecidas pela escrita, é vista por Remak como um resquício do positivismo nos estudos literários, considerando o pragmatismo das taxonomias que não abarcam os aspectos interpretativos da obra de arte. Segundo o teórico:

Na medida em que a preocupação em localizar e provar uma influência pode encobrir questões mais fundamentais de avaliação e interpretação artística, os estudos de influência podem contribuir menos para a elucidação da essência da obra de arte literária do que estudos comparando autores, obras, estilos, tendências e literaturas nos quais nenhuma influência consegue ou pretende revelar se temas puramente comparativos constituem um reservatório inesgotável longe de ser esvaziado pelos estudiosos contemporâneos, que parecem ter esquecido que o nome de nossa disciplina é “literatura comparada”, e não “literatura influente” (Remak, 1994, p. 176).

Ainda assim, ao sair do estudo das influências e entrar no campo da investigação de certo tema ou questão comum entre dois objetos, é possível limitar-se, como se observa no trecho de Remak, a uma percepção essencialista da literatura, que não leva em consideração as formas constitutivas da naturalização desses elementos “originários”. De fato, a interpretação literária é construída em conexão com uma ideologia, mesmo que esta não necessariamente

esteja evidente, mas mesclada pela naturalização do discurso ideológico. A partir da noção de interpretação desenvolvida por Eni Orlandi, por exemplo, todo discurso remete a outros que também apresentam esse sentido naturalizado. Constrói-se, assim, uma rede simbólica aparentemente universal, mas é “a ideologia que produz o efeito de evidência, e da unidade, sustentando sobre o já dito os sentidos institucionalizados” (Orlandi, 2007, p. 31).

Assim, dois equívocos podem suceder a partir dessa naturalização: a percepção de que a interpretação tem como origem o sujeito, ou seja, é individualizada; e aquilo que se apresenta como sentido faz parte de um reflexo do real, este não historicamente construído, mas essência de tudo que há. É possível compreender, a partir da noção de construção linguística e ideológica, que a interpretação se afasta de um caráter voltado para si e se aproxima da história como fundamento da constituição de seus sistemas simbólicos: “para que nossas palavras façam um sentido é preciso que (já) signifiquem” (Orlandi, 2007, p. 39).

Dentro dessa perspectiva, é notório que as relações entre Bataille e Hilst se dão por meio de naturalizações que se afastam do aspecto político da literatura. Ao realizar um estudo literário universalizante, não se colocam em debate os campos literários aos quais os respectivos autores são pertencentes: a Literatura Francesa e a Literatura Brasileira. Assim, argumentamos que, apesar de a tese se colocar como um desvio em relação a métodos comparativos hierarquizantes e tradicionalistas, superados pelo campo da Literatura Comparada, a ausência de uma metodologia clara e definida contribui para a manutenção de formações discursivas, naturalizadas na escrita acadêmica, que apresentam resquícios dos estudos das influências. Observa-se, por exemplo, que a subversão da linguagem acadêmica não se dá, nesse caso, a partir do desenvolvimento de novas vias teóricas. Ao invés do uso do termo influência, apresentam-se vocábulos e construções metafóricas que possuem um peso semântico mais brando (ou menos problematizável) sob a ótica dos leitores que integram a comunidade acadêmica, tais como “aproximação”, “associação”, “magnetizações”, “caminhos” etc., assim como o verbo “puxar”, que poderia ser substituído por “influenciar/ser influenciado”, caso a interdição desse significante não estivesse vigente na ordem do discurso acadêmico contemporâneo na área de Literatura:

Se fosse o caso de criarmos subcategorias, talvez pudéssemos dizer que esta é uma tese **aproximativa**, produzindo **associações**, realizando gestos de **magnetização**, abrindo **caminhos**, searas, criando campos especulativos, deslocando proposições. Assim, Hilda Hilst **puxou** Georges Bataille, Georges Bataille **puxou** Hilda Hilst, os olhos fixaram o sol e, desviando-se, divisaram a lama, os corpos reivindicaram presença em desmembrar-se e fundir-se (PUC-Rio, 2017, p. 129).

A literatura vista como um objeto de individualidade, essência humana apartada de toda e qualquer contextualização político-histórica e cultural, mantém uma forma de dominação, na qual, de acordo com Casanova (2002), literaturas metropolitanas se desprendem de sua função nacionalista e formadoras de Estado para desenvolver leis e funcionamentos próprios, em um processo que ela chama de “despolítica da literatura”. Trata-se de uma noção que se constrói para mascarar a inevitabilidade política da literatura, algo que pode estar associado às noções

românticas do século XIX, que individualizam autores e obras por meio de concepções de “dom”, “autoria” e “inspiração”, algo que, de forma mais ou menos intensa, permanece até hoje em um imaginário artístico das sociedades neoliberais. Segundo Casanova, formou-se

[...] a ideia de uma literatura universal, não nacional, não particularista e independente dos recortes políticos ou linguísticos. Pouquíssimos escritores centrais tiveram uma ideia da estrutura da literatura mundial: só se confrontaram com as coerções e com as normas centrais que jamais reconhecem como tais, pois as incorporaram como "naturais". São cegos por definição: seu próprio ponto de vista sobre o mundo esconde-lhes o mundo que acreditam reduzido ao que neles veem (Casanova, 2002, p. 63).

O que ocorre, assim, é um novo momento da chamada “literatura mundial”, em que as bases de dominância cultural, francesa sobretudo, já são suficientemente consolidadas e naturalizadas e, por isso, não precisam mais se reafirmar dentro de um ponto de vista protecionista.

Sobre esse cenário, Silviano Santiago argumenta que a reação da cultura latino-americana, subvertendo a cultura dominante, era antes forjada pela busca de uma pureza, um afastamento do outro, algo que pôde colocar tais expressões historicamente subjugadas em posições suplementares. No entanto, na atualidade, o autor questiona o papel do intelectual, a partir da inegável dominância histórica da cultura de outros países. Não se pode ignorar o passado, mas é preciso encontrar novas vias que não reafirmem esse sistema de poder sobre a cultura latino-americana. É preciso que elas se movimentem marcando diferenças e presenças, e não mais a partir de uma eterna dívida com o outro. Nesse sentido, “falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra” (Santiago, 2000, p. 17). Atenta-se, sobretudo, à dificuldade dessa tarefa. No campo da pesquisa acadêmica, o autor faz os seguintes questionamentos:

Qual seria pois o papel do intelectual hoje em face das relações entre duas nações que participam de uma mesma cultura, a ocidental, mas na situação em que uma mantém o poder econômico sobre a outra? Se os etnólogos ressuscitaram por seus escritos a riqueza e a beleza do objeto artístico da cultura desmantelada pelo colonizador - **como o crítico deve apresentar hoje o complexo sistema de obras explicado até o presente por um método tradicional e reacionário cuja única originalidade é o estudo das fontes e das influências?** Qual seria a atitude do artista de um país em evidente inferioridade econômica com relação à cultura ocidental, à cultura da metrópole, e finalmente à cultura de seu próprio país? Poder-se-ia surpreender a originalidade de uma obra de arte se se institui como única medida as dívidas contraídas pelo artista junto ao modelo que teve necessidade de importar da metrópole? Ou seria mais interessante assinalar os elementos da obra que marcam sua diferença? (Santiago, 2000, p. 17, negritos nossos).

Santiago critica a busca incessante de fontes e influências nos autores latino-americanos, algo que reafirma a posição de superioridade dos influenciadores, vistos como parte integrante da magnitude da obra. A fonte é considerada uma “estrela intangível e pura” (Santiago, 2000, p. 17) seguida pelos pesquisadores como uma espécie de dívida que os autores latino-americanos possuiriam em vista de seu apagamento cultural. Tal argumentação explícita,

polêmica, constitui ainda uma forma de se vislumbrar possibilidades teóricas de pesquisas no Brasil voltadas para a superação da subserviência latino-americana à literatura europeia.

A partir dessas discussões, a Literatura Comparada, mais evidentemente dentro do parâmetro das influências, tende a evitar um tipo de análise baseado no movimento de busca por fontes externas na Literatura Brasileira, como uma forma de validação da cultura nacional a partir do capital cultural europeu. Porém, compreendemos que, apesar de se colocar em posição de afastamento em relação a esse tipo de metodologia, a tese em questão, pela falta de problematização de uma visão universalizante das literaturas, recai em um sistema de influências – muitas vezes traduzido como “aproximações” – apolítico, que, longe de não ser ideológico, se organiza a partir de eixos dados pela cultura dominante¹⁹.

Assim como ocorre nos estudos das influências, pode-se pensar nos aspectos linguísticos que também deixam de ser estudados a partir de um movimento ativo para marcar as diferenças mencionadas por Santiago. A tese utiliza traduções de Bataille e não justifica o uso dessas ou a escolha de um tradutor específico. Tais constatações evidenciam uma ausência de acuidade em relação à perspectiva das línguas das obras e as tensões que se destacam a partir das traduções, tendo em vista os desafios das diferenças culturais implicadas no movimento de transpor um texto a um outro idioma²⁰. Essas ausências dão lugar a uma perspectiva um tanto ou quanto plácida da universalidade, pois não se leva em conta escolhas e parcialidades da tradução ou imbricações do encontro entre duas línguas que, mesmo abrangendo temas em comum, sugerem aspectos culturais envolvidos na constituição de cada uma delas.

Por outro lado, quando se trata da evidenciação de tensões nos estudos comparativos, é comum que os objetos estejam implicados em um contexto de dominação fortemente definido. É o que ocorre em *Bulletin des oeuvres et missions bénédictines au Brésil (1909- 1914); cenas genéricas e padrões retóricos literários* (UFRJ, 2017), que estuda textos muito bem demarcados pelo projeto de colonização das missões beneditinas no território brasileiro. Além disso, por se tratar de um *corpus* que não pertence originalmente ao cânone literário, pois se trabalhou com relatos de viagens escritos por padres, há a possibilidade de que o movimento de politização desses recursos seja muito menos retardado pelas tendências universalizantes da Literatura.

¹⁹ Novamente, percebe-se uma incongruência entre o “ethos dito” e o “ethos mostrado” (Maingueneau, 2006): a prerrogativa realizada no início da tese não se sustenta no desenvolvimento do texto.

²⁰ Um exemplo bastante esclarecedor sobre a questão da língua e como ela pode se reafirmar a partir das suas diferenças é o apresentado por Santiago sobre o livro de Julio Cortázar “62 Modelo Para Amar”. O personagem principal, um argentino sitiado em Paris, olha no espelho de um restaurante a frase “Je voudrais un château saignant”, a qual traduz para o espanhol como “Quisiera un castillo sangriento”. A mudança do idioma criou novos significados para a frase, visto que “chateau” refere-se a uma forma específica de preparo da carne, mas a sua tradução literal, “castillo” (‘castelo’), remete ao lugar onde o senhor morava no período feudal. Sendo assim, “quero um castelo sangrando” apresenta-se como “marca evidente de um ataque, de uma rebelião, o desejo de ver o chateau, o castillo, sacrificado, de derrubá-lo, a fogo e sangue” (Santiago, 2000, p. 22).

Para aproximar os relatos a uma literatura de viagem, a pesquisadora faz relações com diversos autores clássicos da Literatura Francesa e com os romances de folhetins, utilizando assim a autoridade do cânone para justificar a aproximação desses textos ao campo discursivo:

No século XIX, grandes escritores como Alphonse de Lamartine (1790-1869), Gérard de Nerval (1808-1855), Théophile Gautier (1811-1872), Gustave Flaubert (1821-1880), viajaram para outros países com a finalidade de escrever sobre essas regiões, inclusive, financiados por jornais e revistas. [...] A Ordem Beneditina, através do *Bulletin des oeuvres et missions bénédictines au Brésil*, aproximava seus missionários desse status de escritor viajante quando os enviava a terras distantes, com o objetivo de evangelizar, porém, conscientes de que teriam que transmitir, através de cartas e textos de viagem, suas impressões, bem como histórias e descrições de terras desconhecidas (UFRJ, 2017, p. 50).

Tendo em vista o objeto, a tese apresenta referências fora do campo artístico e se afasta dos cânones; concomitantemente, o trabalho busca delimitações existentes *a priori* para consolidar esse movimento. Segundo Maingueneau (2006, p. 166), “a relação com o ‘não-literário’ é redefinida sem parar, e a delimitação daquilo que pode ou não alimentar a literatura, mas também advir da literatura, se confunde com cada posicionamento e cada gênero no interior de um certo regime de produção discursiva”.

A relação com o literário está justamente ligada, no caso da tese, à defesa da presença de argumentos nos textos que tentam justificar as ações religiosas no território, visto que são apresentados menos como meros relatos dos acontecimentos dessa cruzada e mais como uma narrativa que busca, por meio de “recursos retóricos argumentativos” e estéticos, atrair o leitor em benefício da causa de evangelização: “A persuasão pode ser obtida por meio de uma relação entre a maneira que o autor apresenta sua causa e o ânimo do leitor” (UFRJ, 2017, p 73). Assim, há, na tese, a evidenciação de deslocamentos dos escritos para outros campos discursivos a fim de evidenciar os movimentos desses textos, que trabalhavam em função de um processo de dominação cultural, religiosa, econômica e política.

Não é comum, no entanto, que se realize o oposto: o deslocamento de uma obra constitutiva dos clássicos de uma literatura com o intuito de se desprender das amarras da naturalização ideológica ou da mera determinação histórico-contextual, para que seja possível pensar seus recursos discursivos, evidenciando formações dominantes dentro da própria tessitura textual da obra. Os *Bulletins* estão inseridos em um contexto claro de dominação histórica associada ao discurso, algo que é menos comum quando se trata de obras tradicionalmente definidas como literárias. A dificuldade em apresentar clássicos como discursos não neutros é inclusive uma forma de diferenciação entre os relatos de viagens dos beneditinos e outros textos literários:

Por um lado, as cartas missionárias têm que apresentar padrão textual descritivo e pedagógico, contemplando todos os objetivos referentes às funções da carta de missão. Contudo, um viés existencial também deve ser notado e pode ser aferido através da subjetividade e experiência individual. **Essas subjetividade e experiência individual, na literatura de viagem missionária, não são traduzidas em uma atitude de observador imparcial, como no caso da**

literatura de viagem comum, mas sim, como uma aventura vivida em favor da fé cristã, de caráter piedoso, em que o missionário viajante sujeita sua vida aos perigos do desconhecido (UFRJ, 2017, p. 121, negritos nossos).

Nesse trecho, a tese abarca a percepção da subjetividade da obra literária como uma posição imparcial em contraposição à retórica dos textos produzidos pelas missões beneditinas, que tinham um claro interesse em angariar adeptos à causa religiosa. A parcialidade do texto, nesse caso, é evidenciada a despeito do seu aspecto literário e está intimamente ligada à característica retórica, vinculada aos interesses religiosos e políticos da época. O discurso, ainda que o trabalho apresente elementos formais dos relatos, está à mercê da presença de um movimento político e não necessariamente parte de embates simbólicos próprios da literatura. A forma como encaminha noções de dominação e poder torna isso ainda mais evidente, quando a tese focaliza o *campo religioso* e não menciona como isso se dá dentro do campo literário:

Para Bourdieu (2000), o *campo religioso* assim como o *campo político* compartilham de uma mesma relação, no que se refere à dominação dos meios de manipulação do mundo e no que se refere à moral e conduta social. No **campo religioso**, essa autoridade enunciativa era conferida pela sociedade por meio do *habitus*, visto que a população não indígena era predominantemente católica, característica advinda da tradição portuguesa. Logo, a sociedade era quem outorgava esse poder de determinar quais eram as verdades sociais, em termos de conduta e moral. No que diz respeito ao *campo político*, a sociedade também outorgava esse poder, porém, por meio do voto (UFRJ, 2017, p. 146, negrito nosso).

Observa-se, assim, que o foco da análise aí não se dirige aos elementos estéticos dos textos; os tensionamentos são evidenciados principalmente a partir de análises contextuais. A escolha desse encaminhamento teórico, ainda que válida, demonstra a dificuldade em aproximar o discurso literário aos embates discursivos próprios desse campo.

A intelectualidade passa por processos mais sutis de mudanças e, por isso, menos perceptíveis. Enquanto alguns países configuram-se, ao longo da história, como potências econômicas e políticas, outros, não necessariamente relevantes nesses âmbitos, destacam-se internacionalmente na ordem intelectual. A dificuldade de separação, que muitos pesquisadores apresentam, entre os dois processos e a subordinação da literatura a sua contextualização histórica contribui para a disposição das obras no campo passivo das influências externas e, portanto, deixa de evidenciar determinadas tensões importantes para o entendimento das relações de poder cultural das literaturas em estudos comparativos.

Em contrapartida, há momentos em que se evidenciam estratégias discursivas, dominações retóricas para o estabelecimento de narrativa. A associação dos relatos a um gênero literário “menor”, folhetinesco, liga-se à argumentação textual, diferentemente das relações feitas em relação aos clássicos:

Outro recurso que serviu para **dar credibilidade à narrativa** e que muito se assemelha [ao] tipo narrativo do *Fait divers*, principalmente quando se queria transcrever uma entrevista ou mesmo nos próprios diálogos dos romances folhetinescos, foi a utilização de travessão ou aspas nos diálogos em discurso direto ao invés de simplesmente relatar o fato de maneira mais lacônica, sem se prender às minúcias narrativas (UFRJ, 2017, p. 86, negritos nossos).

Foi possível identificar outros momentos em que se aborda o tipo textual e sua contribuição para a leitura e veracidade dos relatos, assim como questões relacionadas à tradução:

Pesquisa também parte do ponto de vista do leitor: O texto **descritivo**, em uma ótica pragmática, expõe o leitor a uma imagem a ser lida. Em decorrência desta exposição, o leitor revive o real em uma nova perspectiva de reconstrução, reorganização e reconfiguração desta mesma realidade. A imagem se forma sobre uma estrutura lógico semântica formadora das analogias e metáforas, conforme esquema supracitado (UFRJ, 2017, p. 119, grifos nossos).

Na mesma página em que o monge descreve a “maloca”, há uma nota de rodapé com a definição do que seria o inseto cupim. Contudo, o vocábulo “maloca”, não é uma casa de índio qualquer, mas sim, uma inusitada habitação que vai muito além do conceito de casa conhecido pelo leitor europeu e mereceu uma apresentação mais delongada, **de forma que sua descrição contribuiria para o aumento do capital cultural dos leitores por meio de seu aumento do estoque lexical** (UFRJ, 2017, p. 131, negritos nossos).

Percebe-se, assim, que a tese da UFRJ trata da tessitura textual de seu objeto e traz à tona elementos pertinentes para a desnaturalização do discurso, ainda que tenda aos aspectos contextuais em muitos momentos. Apesar de apresentar uma forma discursiva muito mais tradicionalista, evitando, por exemplo, a explicitação da subjetividade no discurso e termos pouco usuais no léxico acadêmico, como se observou no trabalho da PUC-Rio, a tese realiza um movimento argumentativo em função de problematizar o próprio objeto de estudo. Compreendemos que a evidenciação de tensionamentos discursivos em obras literárias se dá ainda de forma pouco clara e incisiva nos trabalhos que se propõem a fazer esse movimento. Quando ocorre, é feito a partir de textos que não são tradicionalmente concebidos como literários, assim como a partir de produções marcadas por conflitos histórico-políticos eminentes. Os clássicos, por outro lado, normalmente ainda são estudados sob uma ótica autotélica.

Considerações finais

O panorama geral das teses e dissertações coletadas, antes mesmo da observação da tessitura textual, é capaz de nos informar sobre a atual situação dos estudos de pós-graduação nos principais centros de pesquisa do Rio de Janeiro. Dos trabalhos que se debruçam sobre a literatura francesa, trata-se de uma minoria aqueles que procuram estabelecer algum tipo de relação com a cultura do país em que escrevem. Rege ainda a objetividade científica, na qual o objeto de estudo, no caso a obra de língua francesa, pode ser analisada sem levar em conta a perspectiva a partir da qual se aborda: uma pesquisa brasileira, escrita e desenvolvida em língua portuguesa. Em adição a isso, dos trabalhos em que essa mediação é evidenciada, todos apresentam um objeto de estudo europeu, a maioria de origem francesa. Assim, as obras francófonas dos territórios não-hegemônicos, com histórias e culturas mais interrelacionadas ao Brasil, ou estão ausentes (como no caso do nosso recorte), ou são minoritários, no campo dos estudos comparativos.

Nesse sentido, apesar da presença de significativa diversidade nos objetos de pesquisa das teses e dissertações de Literatura Francesa, observa-se que a forma como são encaminhados tais trabalhos ainda é a de uma identidade discursiva conservadora. Os rompimentos linguísticos da norma acadêmica, como se observa em trabalhos ensaísticos, o uso mais extensivo de operadores argumentativos e a formação de polêmicas foram recursos pouco trabalhados pelos autores/pesquisadores de pós-graduação enfocados. Leva-se em consideração, no entanto, que tais procedimentos de subversão autoral devem ser avaliados com cautela, visto que o acadêmico, vinculado a uma instituição que estabelece/reproduz tais normas, precisa ser validado para conseguir se inserir no espaço universitário.

Além disso, defende-se aqui que a suavização ou ausência de polêmica no discurso acadêmico também representam formas de manutenção de metodologias tradicionais. Por meio da análise discursivo-enunciativa da construção argumentativa dos trabalhos selecionados, percebe-se uma forte tendência ao desvio ou à supressão do embate teórico, algo fundamental para a constituição de novos pensamentos e para o enfrentamento, superação ou desconstrução de outros, menos capazes de intervir criticamente em relação às discussões epistemológicas da área no contemporâneo. Assim, a presença de uma metodologia clara, bem como a defesa argumentativa são essenciais para estabelecer um posicionamento do pesquisador sobre o objeto estudado. Tais elementos, no entanto, não estão presentes em muitos casos, ou então se constroem de forma velada.

Dentro dessa mesma perspectiva, afirmamos que as análises comparativas desenvolvidas nas duas teses examinadas de maneira mais aprofundada na última seção deste artigo também seguem, em determinados pontos, uma estrutura atenuadora e, por vezes, neutralizadora, que parte de uma percepção apolítica – que continua sendo sempre, é claro, ideológica – das literaturas. Ao realizar um recorte temático, pensa-se ainda sob uma perspectiva universalizante, que não leva em conta as diversidades linguísticas e culturais dos países comparados, nem as formas de dominação entre esses campos simbólicos. Quando tais hierarquias se fazem evidentes, isso ocorre principalmente por meio de um afastamento do campo literário e dos elementos linguísticos, em prol da ênfase sobre contextos e agentes históricos marcados por uma percepção crítica apriorística em relação ao poder e violência que representam.

Financiamento

Antonio Andrade agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo bolsa de produtividade (PQ2) (nº do processo: 316280/2021-6). O autor agradece também à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela bolsa pelo programa Jovem Cientista do Nosso Estado (nº do processo: E-26/201.399/2022).

LINHA D'ÁGUA

Eduarda Hoffling Murat do Pillar agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa de iniciação científica por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFRRJ) (nº do processo: 23079.226301/2024-39).

Referências

BARBOSA, Aline Leal Fernandes. *Sob o Sol de Hilda Hilst e Georges Bataille*. Tese (Doutorado em Língua, Cultura e Contemporaneidade) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BARROS, José Eduardo Marques de. *De Rerum Natura: a experiência do real na poesia contemporânea brasileira e francesa*. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Trad. M. Santarrita. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Trad. M. Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

DERRIDA, Jacques. A Lei do Gênero. *Revista Tel: tempo, espaço e linguagem*, v.10, 2019, p.250-281.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. Vozes em embate na mídia de informação e produção da objetividade: polêmicas em torno da precarização do trabalho na escola. *DELTA*, nº 27, v. 1. Rio de Janeiro, 2011.

GARCÍA NEGRONI, María Marta; GELBES, Silvia. Ethos discursivo y polémica sin enfrentamiento. Acerca del discurso acadêmico en humanidades. In: RÖSING, Tania et al. (org.), *Questões de escrita*. Passo Fundo: UPF, 2005, p. 114-137.

GAMA, Zadig Mariano Figueira. *Soeur philomène dos irmãos goncourt; circulação e recepção*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários Neolatinos) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015a.

GONÇALVES, Manuela Niquet, *Do imperialismo europeu ao nacionalismo brasileiro: uma análise crítico-discursiva de "Viagem pitoresca e histórica ao Brasil", de Jean-Baptiste Debret*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015b.

LILLIS, Theresa. El enfoque de literacidades académicas: sostener un espacio crítico para explorar la participación en la academia. *Enunciación*. Trad. L. Eisner, v. 26, 2021, p. 55-67.

LOPES, Dayana Mendes. *Atmosfera morna: um olhar comparativo sobre tédio e a angústia na literatura*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) — Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARQUES, Maria Aldina. Discurso Acadêmico e Discurso Científico: Aproximações, diferenças e ensino. In: SILVA, Paulo Nunes da; PINTO, Alexandra Guedes; MARQUES, Marques (org.). *Discurso Acadêmico: Conhecimento disciplinar e apropriação didática*. 1ª ed. Coimbra: Grácio Editor, 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. A. Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MONTEIRO, Marcela Marques. *Bulletin des oeuvres et missions bénédictines au Brésil (1909-1914); cenas genéricas e padrões retóricos literários*. Tese (Doutorado em Estudos Literários Neolatinos) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LINHA D'ÁGUA

ORLANDI, Eni. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 13ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

REMAK, Henry H. H. Literatura comparada: definição e função. Trad. M. Balbuena. In: COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tania (org.). *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 175-190.

RICHARD, Nelly. Antidisciplina, transdisciplina y redisciplinamientos del saber. *Revista de Estudios Sociales*, nº1, 1998, p. 118-123.

ROCCA, Marcone Edson de Sousa. *Melodrama, Folhetim e Teledramaturgia: de Alexandre Dumas a Gilberto Braga, a interseção entre os gêneros*. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) — Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos. Ensaio sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SILVA, Frederico Spada. *Viagens modernistas: Europa e Brasil sob a ótica de Antônio de Alcântara Machado, Blaise Cendrars e Oswald de Andrade*. Tese (Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.